

## ANTÓNIO SARDINHA, PRECURSOR DO LUSOTROPICALISMO?

George Manuel Gomes\*

**Resumo:** O presente artigo centra-se no estudo da relação intelectual existente entre António Sardinha (1887-1925) e Gilberto Freyre (1900-1987). Partindo das sete cartas trocadas pelos dois estudiosos, entre 1923 e 1925, e resvalando para a análise das principais teses “hispanicas” desenvolvidas por Sardinha, realçaremos a influência que o ideólogo do integralismo português pôde exercer na fundamentação das teorias lusotropicalistas de Freyre. A discussão da possível filiação entre certamente o mais consagrado dos intelectuais brasileiros do século XX e o máximo doutrinador da direita portuguesa do primeiro quartel do mesmo século constitui, portanto, o principal objetivo deste texto.

**Palavras-chaves:** Gilberto Freyre, António Sardinha, lusotropicalismo

## ANTÓNIO SARDINHA, LUSOTROPICALISM PRECURSOR?

**Abstract:** The following article focuses on the study of the intellectual connection between António Sardinha (1887-1925) and Gilberto Freyre (1900-1987). Using the private correspondence between the two scholars as a starting point (1923-1925), and with a particular focus on the analysis of the major "Hispanic" theories developed by Sardinha, we will highlight the influence that the theoretician of the Portuguese integralism had on Freyre's lusotropicalist theories. The possible filiation between the 20th century's most renowned Brazilian intellectual and the biggest Portuguese right wing's theoretician is therefore the main objective of this article.

**Keywords:** Gilberto Freyre, António Sardinha, lusotropicalism.

---

\* École Pratique des Hautes Études/Universidade da Sorbonne Nouvelle-Paris 3.

## Gilberto Freyre em Portugal

A intensa relação de Freyre com Portugal começa logo em 1923. A sua correspondência, conservada no Arquivo Documental Gilberto Freyre no Recife, mostra que essa relação se manteve firme até a sua morte em 1987, com um balanço de cerca de 500 cartas recebidas, por parte de mais de 140 remetentes portugueses, oriundos das mais diversas sensibilidades artísticas ou políticas: opositores democratas ao Estado Novo, homens de sensibilidades diversas ligados ao regime de Salazar, monárquicos de várias correntes, integralistas lusitanos, etc<sup>1</sup>.

Para ilustrar com factos a unanimidade que Freyre foi adquirindo e conservando em Portugal, recorde-se apenas, nos anos 80, já, portanto, depois do 25 de abril, das comemorações dos 50 anos de *Casa-grande & senzala* sucessivamente organizadas pela Fundação Calouste Gulbenkian, a Academia Portuguesa de História (da qual era membro desde 1938), a Academia de Ciências de Lisboa e até pela presidência da República durante a vigência de Mário Soares, em 1983. No entanto, como é sabido, o reconhecimento intelectual de Freyre em Portugal foi demorado e sinuoso até pelo menos à década de 50. Dá-se plenamente a partir desses anos graças à correlação entre uma conjuntura internacional renovada e o fascínio de longa data que o crítico literário e diplomata José Osório de Oliveira (1900-1964) tinha pela obra de Freyre. Foi, de facto, Osório de Oliveira o principal responsável, em 1947, pela publicação de *Interpretação do Brasil* na editora « Livros do Brasil ». Em 1951, quando é já funcionário do ministério das Colónias, propõe e participa na preparação da viagem de Freyre às colónias africanas, estabelecendo como contrapartida, a publicação por Freyre de um ensaio dedicado à colonização portuguesa em África<sup>2</sup>.

O projeto foi aprovado por Salazar o que de facto não causaria surpresa nesses anos. Havia, com efeito, em Portugal, desde o início da década de 50, um crescente consenso no que toca ao pensamento do sociólogo brasileiro e, nesse sentido, é notória a mudança de tom operada propaganda salazarista. A reflexão de Freyre sobre o « génio colonizador » passa a interessar o Estado Novo que até então o considerara com reserva e mesmo alguma

---

<sup>1</sup> Ver Cláudia Castelo, « Leituras da correspondência de portugueses », in: *Ler Letras*, 2000, pp.421-423, consultado a 10/06/2015, URL : <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7134.pdf>.

<sup>2</sup> Cláudia Castelo, *Ibid.*, pp.424-425.



hostilidade, muito por causa da repugnância da inteligéncia salazarista em relação à ideia de mestiçagem . Mas, num contexto de pós 2ª Guerra Mundialdesfavorável, *O mundo que o português criou* , *Casa Grande& Senzala, Nordeste*, juntavam-se à *Interpretação do Brasil* como obras largamente difundidas em Portugal, constituindo doravante um corpus oficioso de defesa do império português, num cenário internacional hostil<sup>3</sup>.

Esta apropriação do lusotropicalismo de Freyre pelo Estado Novo não tardará mesmo a tornar-se oficial. Assim o confirma a publicação pelo Centro de Estudos Políticos e Sociais do Ministério do Ultramar em 1959 de *Integração portuguesa nos trópicos* seguida por *OLuso e o trópico*, em 1961. Entretanto, Freyre participara em 1960 no Congresso Internacional de História dos Descobrimentos, antes de efetuar dois anos mais tarde uma passagem de três meses por Portugal, onde recebe o grau de doutor *honoris causada* Universidade de Coimbra. Entre 1965 e 1969, Freyre regressará quatro vezes a Portugal para ser homenageado pela Academia Internacional de Cultura Portuguesa, apresentar uma conferência no Instituto de Ciências Sociais e Política Ultramarítima e receber novo grau de doutor *honoris causa* atribuído, desta feita, pela Faculdade de direito de Lisboa. Encerrava-se assim o período de consagração de Freyre em Portugal durante o Estado Novo<sup>4</sup>.

António Sardinha, precocemente falecido em 1925, não viveu naturalmente este período de consagração de Freyre em torno das suas teses lusotropicalista. No entanto, pelo menos, em termos de relacionamentos intelectuais, Sardinha parece ter dado um contributo importante para o início da carreira de Freyre em Portugal. Isto porque, na sequência da sua primeira viagem à Europa em 1922, Freyre iniciou uma relação epistolar, entre outros intelectuais portugueses, com o escritor monárquico Fidelino de Figueiredo (1888-1967), e segundo a historiadora Claudia Castelo, consta que Freyre enviou em 1923 o seu ensaio « *Apologia Pro Generatione Sua* »<sup>5</sup> a Figueiredo, que lhe terá afirmado que o texto poderia despertar o interesse de Sardinha. O texto chegou, de facto, às mãos de Sardinha e interessou-o ao ponto de o recomendar a Osório de Oliveira. E foi, precisamente, a partir do conhecimento desse texto que, em 1931, Osório entrou em contacto com Freyre para lhe pedir

---

<sup>3</sup> Sobre a evolução da receção da obra de Freyre em Portugal consulte-se Yves Léonard, « Salazarisme et lusotropicalisme, histoire d'une appropriation » in: *Lusotopie*, nº7, Paris, 1997, pp.211-226.

<sup>4</sup>*Ibid.*, pp.216-219.

<sup>5</sup> Este ensaio transformou-se depois num discurso pronunciado por Freyre, em 1924, na Paraída. Ver, Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, *Gilberto Freyre, um vitoriano dos trópicos*, São Paulo, Editora UNESP, 2005, p.231.

a sua participação na revista *Descobrimento*. Instaurou-se, desde então, uma estreita relação entre estes homens, e, como vimos, Osório de Oliveira tornou-se o principal artesão da divulgação de Freyre em Portugal<sup>6</sup>. Sobre a relação direta entre Sardinha e Freyre sabemos que ela existiu apenas através de sete cartas. Regressado ao Brasil sem ter conhecido pessoalmente Sardinha, é Freyre quem escreve a primeira carta à qual recebe resposta em dezembro de 1923. O jovem sociólogo irá enviar mais três cartas, às quais Sardinha só responde por duas vezes, já que morre a dez de janeiro de 1925, antes de receber a última de Freyre do dia quatro de janeiro do mesmo ano. A difusão de « *Apologia Pro Generatione Sua* » é o primeiro tema abordado por Freyre, que se diz particularmente interessado pelo « hispanismo » de Sardinha e que, logo na segunda carta do dia dezasseis de maio de 1924, fala da preparação do livro do centenário do diário de Pernambuco, pedindo a contribuição de Sardinha com um estudo sobre « O Brasil-nação hispânica », mostrando o nosso lugar na família e no movimento hispânicos »<sup>7</sup>. Volta à carga com esse pedido numa nova carta em setembro do mesmo ano : « Espero o artigo para o Diário, com o seu retrato e notas biográficas »<sup>8</sup> e, em jeito de homenagem ao projeto de aproximação cultural entre Espanha e Portugal teorizado por Sardinha desde 1918 afirma :

*Todo eu sou uma ânsia, uma grande flama de ânsia, para gorar demoradamente o contacto com Portugal e com a Espanha, que é a natural paisagem do meu espírito. O « sentimento » (para usar a distinção de Maluceo) este é que é americano, pernambucano*<sup>9</sup>

Finalmente, na sua última carta de janeiro de 1925, Freyre agradece o envio do livro a *Aliança Peninsular*. Falaremos adiante um pouco mais sobre este livro. Para já, note-se sobretudo a forma como Freyre confirma o seu forte interesse pelas teses nele desenvolvidas por Sardinha. Freyre fala, pois, de « Páginas fortes e agudas » « nas quais muito me clarifiquei sobre um tema que me apaixonava há anos », afirmando mesmo se tratar de « um livro fecundante » no qual se revia perfeitamente : « De facto, minha primeira educação nos Estados Unidos fizera de mim um hispanista ». Finalmente, volta a insistir e renova o seu pedido relativo ao estudo « O Brasil nação hispânica » : « E o artigo para o livro do Diário

<sup>6</sup> Claudia Castelo, *Ibid.*, p.224.

<sup>7</sup> Gilberto Freyre, *in* : Espólio António Sardinha, Universidade Católica, Biblioteca J.P.II, cota 13-4, carta n.º2, Pernambuco, 16/05/1924.

<sup>8</sup> *Ibid.*, cota 13-2, carta n.º3, Pernambuco, 22/09/1924.

<sup>9</sup> *Ibid.*



que seria exatamente sobre o hispanismo um resumo de quanto diz o seu livro, ao mesmo tempo que nos excitasse a consciência hispânica ? »<sup>10</sup>

O que é que Sardinha, o já consagrado escritor do nacionalismo monárquico, responde ao interesse e aos elogios do jovem intelectual brasileiro? Apesar de jamais enviar o tão solicitado estudo, não mostra a menor frieza em relação a Freyre. Logo na primeira carta, do dia dezoito de dezembro de 1924, trata-o com afabilidade saudando-o com a fórmula « Meu prezado camarada », e convidando-o a participar na revista de filosofia política do Integralismo Lusitano : *Nação Portuguesa*. Ao interesse e ao artigo pedido por Freyre, Sardinha responde com agrado:

*A espontaneidade da sua estima, os incentivos que recebo da sua generosidade intelectual, acham eco fundo no meu coração e não exagero se lhe afirmo que o tenho já como camarada de longos e dedicados anos<sup>11</sup>*

Finalmente, quando lhe manda o seu livro *A Aliança Peninsular*, em agosto de 1924, afirma que não se esqueceu do estudo sobre o hispanismo e o Brasil, e em resposta ao desejo expresso por Freyre de voltar à Península, Sardinha convida-o solenemente a visitá-lo em Elvas: « Tão irmãos, tão parentes na inteligência, e na sensibilidade, o gosto que eu terei em o abrigar debaixo do meu modesto teto ! »<sup>12</sup>. Freyre chegará, aliás, a vir a Elvas, mas quase 25 anos depois da morte de Sardinha, em 1951<sup>13</sup>.

Em suma, essas cartas revelam, sem dúvida, uma relação de estima e cumplicidade intelectual crescente. Porém, considerando que a morte prematura de Sardinha interrompeu bruscamente a relação entre os dois, poderíamos concluir que os trechos que acabamos de examinar não ilustram mais do que uma prometedora, mas curta e porventura pouco frutuosa troca epistolar. E, de modo geral, poderíamos considerar que a apresentação indireta de Osório Oliveira de Lima e Freyre permitida por Sardinha, constituiu o principal vestígio da relação Sardinha/ Freyre.

Creio, no entanto, que esta interpretação, apesar de legítima, não resiste muito tempo

---

<sup>10</sup> *Ibid.*, cota 13-3, carta n.º4, Pernambuco, 04/04/1925.

<sup>11</sup> António Sardinha, in : Arquivo Documental Gilberto Freyre, carta n.º1, Elvas, 18/12/1923.

<sup>12</sup> *Ibid.*, carta n.º3, Elvas, 21/08/1924.

<sup>13</sup> Gilberto Freyre, *Aventura e Rotina*, Livros do Brasil, Lisboa, 1953, pp.91-96.



ao escrutínio atento dos estudiosos da obra de Sardinha. Para justificar esta observação, examinaremos sucintamente as grandes linhas da vida e obra de Sardinha.

### **Sardinha, o hispanismo e o lusotropicalismo.**

António Sardinha nasceu em 1887, numa família da burguesia rural do Alentejo, onde nutre desde muito jovem uma paixão pela poesia que escreve e publica precocemente. Durante os seus estudos de direito na Universidade de Coimbra, entre 1906 e 1911, começa, no entanto, a centrar os seus interesses intelectuais na história europeia e a filosofia política. Nesses anos de formação, nada porém indiciava que Sardinha viesse a converter-se em ideólogo monárquico. Antes pelo contrário, Sardinha proclamava-se então republicano e apoiou com entusiasmo a implantação da República em Portugal, em outubro de 1910<sup>14</sup>. No entanto, e graças à consulta da correspondência enviada à sua esposa, hoje já publicada pela historiadora Ana Isabel Sardinha Desvignes, sabemos, que, entre 1910 e 1912, Sardinha se encontra profundamente desiludido pelo regime republicano, começando a interessar-se por pensadores franceses das chamadas direitas radicais, como Maurice Barrès, Charles Maurras, Gustave Le Bon, ou ainda por escritores como Paul Claudel, Henri Bordeaux ou Paul Bourget, todos representantes da Ordem e do conservadorismo católico<sup>15</sup>. A sua rotura com o liberalismo torna-se mesmo irreversível e participa, em 1913, na fundação do Integralismo Lusitano. Em torno da revista de filosofia política, *Nação Portuguesa*, e o jornal, *A Monarquia*, o Integralismo Lusitano afirmou-se, durante a primeira república portuguesa, como um movimento intelectual adversário da República e do liberalismo político e económico e, em contrapartida, favorável à restauração da monarquia orgânica, tradicionalista e antiparlamentar<sup>16</sup>.

Principal arquiteto da adaptação a Portugal desta linha ideológica, próxima da Action Française de Charles Maurras (fundada em 1899), António Sardinha afirmou a sua

---

<sup>14</sup> Sobre a evolução política de Sardinha entre 1910 e 1913, ver Ana Isabel Sardinha Desvignes, *António Sardinha (1887-1925), Um intelectual no Século*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2006, pp.151-173.

<sup>15</sup> *Id.*, *Correspondência de António Sardinha para Ana Júlia Nunes Silva (1910-1912)*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2008.

<sup>16</sup> Para uma história geral do movimento integralista em Portugal, consulte-se José Manuel Quintas, *Filhos de Ramires, As Origens do Integralismo Lusitano*, Lisboa, Nova Ática, 2004.

originalidade desenvolvendo toda uma reflexão luso-espanhola e mesmo ibero-americana que o distingue de facto, do habitual campo de análise de Maurras e da Action Française. Essa reflexão, que revelou a hiperatividade de Sardinha, cruzando disciplinas como história, literatura, filosofia, economia, geografia, antropologia, começou, em 1915, numa conferência dada por Sardinha. Intitulada *O Território e a Raça*<sup>17</sup>, essa conferência surgia para criticar um suposto ascenso do iberismo em toda a Península. O pensamento iberista atacado por Sardinha tinha sido desenvolvido ao longo do século 19, por sensibilidades tanto da direita como da esquerda espanhola e portuguesa: defendia a ideia segundo a qual as sucessivas crises políticas e económicas atravessadas por Portugal desde a revolução de 1820 teriam causado o ruir da sua capacidade de independência em relação à Espanha<sup>18</sup>. Essa ideia era inadmissível para Sardinha.

Não entraremos aqui nos pormenores acerca da conferência de Sardinha que, resumindo, defende uma tese alicerçada na existência de uma fronteira, uma cesura geográfica natural, entre Espanha e Portugal, como que traçada pela providência, e que se prolonga no perfil psicológico distinto dos portugueses e dos espanhóis. Sublinhemos sobretudo que esta tese providencialista, destinada a contrariar todo o tipo de projeto de fusão entre Portugal e Espanha, é capital pois, pela primeira vez, Sardinha teorizava diferenças profundas entre espanhóis e portugueses, diferenças essas repercutidas nas suas respectivas histórias coloniais.

Os espanhóis de temperamento temerário e ríspido, devido à influência das inóspitas regiões de Espanha formavam, segundo Sardinha, o « país da epopeia »<sup>19</sup>, que revelara toda a sua personalidade levando a cabo uma conquista colonial caracterizada pelo « extermínio do indígena e exploração até ao esgotamento »<sup>20</sup>. Por seu lado, influenciados por um *habitat* mais favorável, os portugueses teriam desenvolvido qualidades de conciliação e brandura,

---

<sup>17</sup> António Sardinha in : *A Questão Ibérica*, « O Território e a Raça », Lisboa, Tipografia do Anuário Comercial, Lisboa, 1916, pp.11-75.

<sup>18</sup> A conferência de 1915 « O Território e a Raça » dada por Sardinha surge mais precisamente na sequência do lançamento em Espanha no ano anterior dos livros proiberistas a *Unión Ibérica e Imperialismo y la Guerra Europea* respetivamente assinados pelo monárquico liberal Juan del Nido y Segalerva (1867-1929), e pelo futuro economista franquista, Vicente Gay y Forner (1876-1949). Sobre o iberismo, ver as importantes reflexões de Sérgio Campos Matos, « Iberismo e identidade nacional (1851-1910) », in: *Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Lisboa, nova série, 14/15, 2006, pp. 339-400, António dos Santos Pereira, « O Iberismo em Conceito e Questão » in: *Relíquia*, Salamanca, Celya, 2007, pp.17- 44 e Hipólito de La Torre Gómez, *Na Encruzilhada da Grande Guerra. Portugal-Espanha 1913-1919*, Lisboa, Editorial Estampa, 1998, pp.116-117.

<sup>19</sup> António Sardinha in : *A Questão Ibérica*, op.cit., p.44.

<sup>20</sup> *Ibid.*



formando o país do « Poema de Amor »<sup>21</sup>, responsável pela prática de um colonialismo « baseado no ideal da Cristandade », fraterno e ameno para com os autóctones, dentro do qual Sardinha já destacava o Brasil como « obra do nosso génio »<sup>22</sup>.

É, desta forma, altura de lançar a questão que motiva este nosso trabalho. Não haverá nesta conferência proferida em 1915, na qual Sardinha estabelece desassombradamente uma clara distinção entre colonialismo português brando e colonialismo espanhol agressivo, elementos já pré anunciadores do que iremos encontrar depois na teorização luso-tropicalista desenvolvida por Freyre nos anos 30 ? Se admitimos esta proximidade e se pensarmos ao mesmo tempo no conteúdo das escassas, mas reveladoras cartas que Freyre escreve a Sardinha, uma outra possibilidade nos ocorre também. Parece-nos, pois, que não é talvez impossível admitir que o lusotropicalismo, vindo do Brasil para ser primeiro ignorado e depois consagrado pelo Estado Novo tenha, na realidade, origens intelectuais em Portugal.

Em minha opinião a conferência de Sardinha « O Território e a Raça » permite lançar esta hipótese, mas sem corroborar a possível « fecundação » de que Freyre falava na sua carta de 1924. Isto por vários motivos : quando o texto da conferência é publicado em 1916, Freyre tem apenas 16 anos. Por outro lado, não se trata do texto mais difundido de Sardinha e muito menos o mais conseguido em termos teóricos. É, por isso, provável, que mesmo que o tenha conhecido, mais certo é, no entanto, que os primeiros textos que leu de Sardinha pertençam a um outro período da sua carreira, situado, entre 1918 e 1924. Período em que Sardinha já é, de facto, uma figura incontornável, e das mais polémicas, do debate público em Portugal. São precisamente anos em que suas reflexões luso-espanholas se tornam cada vez mais centrais até formarem um projeto político-cultural que tanta tinta fez correr em Portugal: o chamado hispanismo ou, se preferirmos, a aliança peninsular.

Esta focalização crescente no debate hispânico teve dois motivos interligados entre si. O primeiro é que mesmo se na sua conferência de 1915 Sardinha afirmou um independentismo intransigente e mesmo uma certa hostilidade em relação à cultura espanhola, não defendeu nunca, em contrapartida, a ideia de uma rotura e ausência de diálogo entre os dois países. Antes pelo contrário, mostrara a sua abertura para refletir sobre formas de cooperação, afirmando : “A fórmula de amanhã em política exterior há de ser sem dúvida, não

---

<sup>21</sup>*Ibid.*

<sup>22</sup>*Ibid.*



a união ibérica mas a aliança peninsular”<sup>23</sup>

Condenado ao exílio político em Espanha entre 19 e 21, depois da sua ativa participação no fracassado golpe militar que tentou derrubar a República e restaurar a monarquia em janeiro de 1919<sup>24</sup>, o contacto com a Espanha foi fundamental. Instalado durante mais de dois anos em Madrid e em Badajoz, Sardenha investiu-se freneticamente na sua reflexão hispânica em artigos publicados tanto em Espanha como em Portugal. Desde a sua chegada, desenvolve uma curiosidade aguda pela história espanhola e lê autores da direita conservadora espanhola como Angel Gabinet (1865-1898) ou Miguel de Unamuno (1864-1936), e o historiador conservador e crítico literário Menendez y Pelayo (1856-1912)<sup>25</sup>.

À luz destas novas leituras, que lhe permitem adquirir uma cultura histórica ibérica mais apurada, Sardenha convence-se da importância geopolítica da Espanha e da América do Sul para o sucesso da contrarrevolução em Portugal. Parece-lhe agora evidente que seria impossível restaurar uma monarquia tradicional em Portugal, se sobrevivesse um regime liberal em Espanha. Sardenha começa então a gizar um novo projeto político e cultural, que consistia em criar a longo prazo um movimento intelectual de propaganda luso-espanhola tradicionalista que, idealmente, tivesse as suas ramificações na América do Sul. Estaria assim criado um bloco político geográfico e demograficamente vasto, um « sólido movimento paralelo e concordante »<sup>26</sup>. E foi precisamente nesta complexa campanha de aproximação das correntes conservadoras luso-espanholas e mesmo ibero-americanas desenvolvida por Sardenha até à publicação em 1924 do seu último livro intitulado *A Aliança Peninsular*, que o ideólogo lançou novas considerações sobre a colonização portuguesa no Brasil, despertando certamente boa parte do interesse confessado por Freyre nas suas cartas.

Apoiado essencialmente em autores brasileiros, como Joaquim Nabuco, Graça Aranha, Eduardo Prado, de que considera o livro *A Ilusão Americana* como uma obra importante,

---

<sup>23</sup> *Ibid.*, p.27.

<sup>24</sup> Para compreender o investimento do Integralismo Lusitano na chamada Monarquia do Norte de 1919: Hipólito Raposo, *Folhas do meu Cadastro (1911-1925)*, Lisboa, Edições Gama, Vol.1., 1944, pp.36-75. Ou, António Sardenha, « Conrado não guarda silêncio! » in: António Rodrigues Cavalheiro, *Um Inédito de António Sardenha sobre a Monarquia do Norte*, Separata do nº 15-16 in: *Revista Sulco* (2ª Série), Lisboa, 1968, pp. 43-55. Para um estudo geral do movimento, consulte-se Moreira da Silva, *A Monarquia do Norte*, Lisboa, QuidNovi, 2008, pp.7-13, pp.21-45 e pp.75-95.

<sup>25</sup> Sobre o período de exílio de Sardenha, Ana Isabel Sardenha Desvignes, *António Sardenha, um intelectual no século*, *op.cit.*, pp.221-246.

<sup>26</sup> António Sardenha, *A Aliança Peninsular: antecedentes & possibilidades*, Porto, Civilização Editora, 1924, p.318.

Jackson de Figueiredo, e sobretudo no « mestre »<sup>27</sup> Oliveira Lima e Elísio de Carvalho, « o Barrès brasileiro »<sup>28</sup>, de quem muito aprecia os livros *Os Bastiões da Nacionalidade*, *Brava Gente*, Sardinha investiu-se numa reabilitação do período colonial sul-americano. Mas em toda esta nova construção intelectual, Sardinha insiste sobretudo no Brasil.

A forma como ele aborda a história colonial brasileira é original. Recusava-se a analisá-la seguindo os habituais temas: relação colônia/metrópole, opressor/oprimido e emancipação. Antes pelo contrário, a ligação do Brasil com Portugal assentava simplesmente, segundo Sardinha, no facto dos dois países partilharem as mesmas origens históricas como nações independentes. Resumia assim Sardinha a assimilação das origens históricas do Brasil e Portugal :

*Portugal é filho da Igreja e da Realeza [...] pela Igreja e Realeza o Brasil se formou e emancipou, saindo do coração de Portugal, como a flor mais formosa da nossa raça!*

Esta « Lição » da história do Brasil, prudentemente respeitadora da independência brasileira, devia, claro está, reforçar a possível aproximação conservadora luso-brasileira em torno do saudosismo de uma monarquia católica universalista. Mas em quê que consistia concretamente o que Sardinha qualificava de « ação fecunda disciplinas tradicionais, - a Igreja e a Realeza »<sup>29</sup> no Brasil ?

A ação positiva da Realeza na formação do Brasil centra-se para Sardinha nos reinados de D.João III e D.João IV, com o fomento do « sistema nobiliário das Capitanias »<sup>30</sup>. Graças a esse sistema afirma o pensador luso que « ia-se para o Brasil para se ficar, -edificando, arroteando e povoando »<sup>31</sup>, construindo-se uma verdadeira empresa nacional duradoura de transposição das qualidades político-administrativas da monarquia orgânica portuguesa supostamente na base do Estado brasileiro independente em 1822.

Em complemento, a Igreja Católica, representada pela « Companhia de Jesus »<sup>32</sup>, permitiu fazer frutificar essa base política impondo a toda a sociedade colonial com um « zelo

---

<sup>27</sup>*Id.*, “A lição do Brasil”, *A Prol do Comum... Doutrina & História*, Lisboa, Livraria Ferin, 1934, p.207.

<sup>28</sup>*Ibid.*, p.27.

<sup>29</sup>*Ibid.*, p.216.

<sup>30</sup>*Ibid.*, p.204.

<sup>31</sup>*Ibid.*

<sup>32</sup>*Ibid.*, p.188.

assombroso »<sup>33</sup> as qualidades morais e espirituais do regime português. Esse zelo assombroso dos missionários terá garantido um encontro e coabitação amena com os indígenas, população à qual Sardinha associa nativos e negros. O clima de adaptação pacífica da monarquia católica portuguesa no Brasil teria assim assegurado a formação do povo brasileiro mediante a « fusão de três raças »<sup>34</sup> : o índio, o africano e o português. A era colonial brasileira, marcada pelo cunho da « cândida alma » , a « sensibilidade moral »<sup>35</sup> portuguesa, e o seu consequente « apostolado »<sup>36</sup> espiritual, político e económico terá posto em marcha « os fundamentos da sociedade histórica »<sup>37</sup> brasileira, « o embrião da unidade moral da futura pátria brasileira »<sup>38</sup>.

Para mais, sem retomar as suas críticas frontais de 1915, Sardinha não deixara também de destacar as virtudes da colonização do Brasil em detrimento da América Espanhola. Quando comparada com a eclosão de várias nacionalidades hispano-americanas, a unidade política mantida pelo território brasileiro ilustraria, de facto, o carácter à parte do colonialismo português :

*Veja-se como a própria América-Espanhola não guardou, na sua rotura com a mãe-pátria, a unidade que o Brasil manteve*<sup>39</sup>

Em toda esta reflexão de Sardinha sobre a colonização do Brasil, e as virtudes e amenidades lusas no contacto com a terra e os nativos, como não ouvir o eco do lusotropicalismo desenvolvido por Gilberto Freyre anos mais tarde ? Influenciado, é claro, por autores como Oliveira Lima ou Elísio de Carvalho, cremos que é legítimo afirmar que a reflexão brasileira de Sardinha, acabou por introduzir a ideia, central em Freyre, do colonialismo ameno na origem de uma sociedade brasileira mestiça e original no seio da América do Sul. Largos anos após a morte de Sardinha, o próprio Freyre iria indiretamente reconhecer um certo pioneirismo na matéria do ideólogo integralista. Com efeito, afirmara na sequência de uma visita à viúva de Sardinha, em 1951, que o líder do Integralismo Lusitano tinha sido em Portugal o primeiro a perfilhar a sua forma de :

---

<sup>33</sup>*Ibid.*, p.199.

<sup>34</sup>*Ibid.*

<sup>35</sup>*Ibid.*

<sup>36</sup>*Ibid.*, p.207

<sup>37</sup>*Ibid.*, p.199.

<sup>38</sup>*Ibid.*, p.207.

<sup>39</sup>*Ibid.*, p.204.



*considerar o português não apenas um europeu mas o criador de um sistema extraeuropeu de vida e de cultura, corajosamente assimilador da África negra e não apenas da morena ou árabe. Assimilador de índios no Oriente e ameríndios no Brasil*<sup>40</sup>

Parece-nos pelo menos legítimo afirmar que o sociólogo brasileiro não foi alheio a toda a teorização luso-brasileira de Sardinha. Assim o confirmam os trechos das cartas em que Freyre fala do pensamento « hispânico » de Sardinha como uma tema que o « apaixonado » há muito, nas quais lhe pede com insistência um artigo sobre a sua visão « do lugar do Brasil » na sua reflexão hispânica, ou em que finalmente declara « fecundantes » as páginas da *Aliança Peninsular*, deixando-nos pensar que as teses lusotropicalistas algo devem a este contacto bibliográfico. Quanto mais não seja, as poucas cartas que Gilberto Freyre escreve a António Sardinha convidam-nos a pensar aprofundadamente esta filiação.

## Referências

- CASTELO, Claudia. Leituras da correspondência de portugueses. In: *Ler Letras*, 2000, pp.421-423, consultado a 10/06/2015. URL: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7134.pdf>.
- DESVIGNES, Ana Isabel Sardinha. *António Sardinha (1887-1925), Um intelectual no Século*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.
- FREYRE, Gilberto. *Aventura e Rotina*. Livros do Brasil. Lisboa: 1953.
- GÓMEZ, Hipólito de La Torre. *Na Encruzilhada da Grande Guerra. Portugal-Espanha 1913-1919*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- LÉONARD, Yves. Salazarisme et luso-tropicalisme, histoire d'une appropriation. In: *Lusotopie*, n°7, Paris, 1997.
- MATOS, Sérgio Campos. Iberismo e identidade nacional (1851-1910). In: *Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Lisboa, nova série, 14/15, 2006.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre, um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

---

<sup>40</sup> Gilberto Freyre, *op.cit.*, 1953, p.96.



PEREIRA, António dos Santos. O Iberismo em Conceito e Questão. In: *Relipes*, Salamanca, Celya, 2007.

QUINTAS, José Manuel. *Filhos de Ramires, As Origens do Integralismo Lusitano*. Lisboa: Nova Ática, 2004.

RAPOSO, Hipólito. *Folhas do meu Cadastro (1911-1925)*. Lisboa: Edições Gama, Vol.1., 1944.

SARDINHA, António. O Território e a Raça. In: *A Questão Ibérica*. Lisboa: Tipografia do Anuário Comercial, Lisboa, 1916.

SARDINHA, António. *A Aliança Peninsular: antecedentes & possibilidades*. Porto: Civilização Editora, 1924.

SILVA, Moreira da. *A Monarquia do Norte*. Lisboa: QuidNovi, 2008.